

## **ENTRE ASPAS - Saia curta: promover a deformação (conclusão)**

Marcelino Silva, 01 Abril 2016



EU sou um apreciador inveterado da beleza do corpo feminino. Corpo feminino adulto. Mas, para apreciá-lo, ele não tem de estar exposto numa qualquer montra, entendendo-se por montra a rua, o escritório, a sala de aula, o mercado, o supermercado, o campo de futebol, o campo de basquetebol, etcetera e tal. Para o apreciar, ele, o corpo, tem de estar em lugar próprio.

O corpo belo de uma menina ainda em idade escolar, precisa de amadurecer. Esse amadurecimento ocorre em simultâneo com o amadurecimento da sua “cabeça”. Quer dizer, a menina, que na verdade ainda é criança, precisa de ser “dita” (educada) em casa e na escola, que ainda é criança, e que por isso, tem de ultrapassar muitas etapas para alcançar a idade de poder “exibir” o seu corpo. Sendo que essa exibição, quando atingida a idade adulta, terá de ser feita em lugar próprio.

É desejável por isso, que entre os nossos lares e as escolas se estabeleçam parceiras, ainda que não formais, onde fique subentendido que cada uma das partes tem a responsabilidade de complementar o trabalho educativo realizado por outra parte. Só assim, será possível que a menina – que afinal ainda é uma criança, perceba que tem de ultrapassar muitas etapas para alcançar a idade de poder “exibir” o seu corpo.

### **Responsabilidade e seriedade**

Essas parcerias só podem ser estabelecidas quando dos dois lados houver vontade, responsabilidade e seriedade. Sendo que maior quinhão de responsabilidade cabe a nós os pais e encarregados de educação. Aliás, a base para a formação do homem está, ou deve estar lá “em casa”. Por isso é que é inaceitável, pelo menos para mim, que algumas mães se apresentem sem vergonha a defender “orgulhosamente” que as suas filhas devem (ou podem) apresentar-se na escola vestidas como elas bem o entenderem. Onde está a seriedade de uma mãe?

Disse no primeiro parágrafo deste texto que sou um apreciador inveterado da beleza do corpo feminino. Sou de facto. Mas, com a mesma veemência com que afirmo a minha faculdade de apreciador dos encantos femininos, afirmo e reafirmo que sou, por outro lado, contra o abuso de menores. Abuso de menores que muitas vezes, ou pelo menos algumas vezes é ou poder ser “catalizado” pela forma como elas se apresentam em público.

Quantas vezes não nos deparamos com miúdas praticamente ao léu, a caminharem tranquilamente pelas ruas, obrigando autenticamente os homens a partirem os seus pescoços na tentativa de apreciarem “aquilo”. E, sabemos que essas miúdas saíram de uma casa onde está lá o pai, a mãe, os irmãos mais velhos. E, um tipo murmura: como é que os pais deixaram esta miúda sair assim...

### **Diminuir factores de risco**

Entendo por isso que os pais, encarregados de educação, devem ter presente que deixar que as suas filhas se apresentem “quase” vestidas na rua, nas salas de aula, estarão a contribuir para que elas se tornem “presas” fáceis para os predadores. Deixar que elas exibam os seus encantos, sob a alegação de que dessa forma estão a defender os seus direitos, estarão a contribuir para a criação de factores de riscos desnecessários e perigosos.

Como dizia o Excelentíssimo Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, reagindo a manifestação da tal da sociedade civil, “a escola não é um lugar de passagens de modelo”. A escola é um local onde se adquire conhecimento científico e se adquirem também os valores morais, alicerces para a construção de uma sociedade sólida.

As regras sobre o uniforme escolar são claras. Nada há mais para fazer do que cumpri-las. Marmanjos (crianças) hoje, os nossos filhos serão adultos amanhã. Já adultos, terão de ter aprendido os códigos de convivência social para poderem transmiti-los aos seus filhos. Portanto, senhoras e senhores da “sociedade civil”, parem de brincar aos direitos humanos e tentem, por favor, olhar o mundo com olhos de ver. Parem com as palhaçadas. Parem com as modernidades. Façam algo de útil para os vossos filhos (quem os tiver, claro!).